

Entre brincadeiras e trocados: Fragmentos Etnográficos das experiências lúdicas de crianças em situação de rua em Fortaleza-CE*

**Daniel Costa
Valentim**

Graduando em
Ciências Sociais/
UECE

Palavras-chave:
Antropologia da
criança; crianças
em situação de
rua; cultura lúdica;
etnografia.

Key Words:
Anthropology of
children; street
children; games
and plays; ethno-
graphy.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as práticas lúdicas vivenciadas por crianças em situação de rua em Fortaleza. Os sujeitos da pesquisa são crianças e jovens que freqüentam sinais de trânsito, esquinas ou praças desenvolvendo alguma forma de ganhar dinheiro, seja para sobrevivência própria, seja para manutenção da família. Utilizamos o método etnográfico e a observação participante como recurso metodológico. A nova "antropologia da criança" é a base do referencial teórico utilizado para analisar a fala, as ações e os pensamentos dessas crianças de forma mais complexa. Esta nova corrente da antropologia tenta perceber a criança partindo do seu próprio ponto de vista e de seus sistemas simbólicos. A literatura existente sobre crianças em situação de rua analisou suas atividades lúdicas de maneira muito incipiente. Nossa pesquisa demonstra que existem muitas brincadeiras e jogos realizados no contexto da rua. As crianças, ao brincar, reinventam situações e reelaboram sentidos, utilizando objetos de forma diferentes de suas finalidades previstas. A "virinha", os jogos de briga e a "castanha" são alguns dos jogos e brincadeiras realizados nas ruas descritos e analisados neste trabalho.

ABSTRACT: This article aims to analyze the ludic activities experienced by street children in Fortaleza. The subjects of the research are children and adolescents who develop some kind of making money activity at traffic lights as breadwinners or to help support the family. We used the ethnographic method and the participant observation. The new "anthropology of children" is the basis of the theoretical reference used to analyze the discourse, the actions and the thoughts of them in a more complex way. This new perspective attempts to perceive children concerning their own points of view and their symbolic system. Existing literature about street children analyzed their ludic activities in a very superficial way. Our research shows that there are many games played by those children. When they play, they make up situations, recreate meaning using objects in ways other than their original purpose. The "virinha", fight matches, and the "castanha" are just a few examples of those games which are described and analyzed in this work.

"Sem dúvida brincar significa sempre libertação"
(Walter Benjamin)

Introdução

Ao ingressar no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará tive a oportunidade de freqüentar desde o início de minha formação acadêmica o grupo de estudos e pesquisas GPDU (Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano). Uma das linhas de pesquisa desse grupo me chamou a atenção. Refiro-me ao laboratório COVIO (Conflitualidade e Violência) que se propõe a estudar as diversas formas de violências e conflitos, muitos invisíveis aos olhos, na cidade de Fortaleza.

Esta pesquisa é o resultado de um trabalho inicial que tem como tema central a vida de meninos em situação de rua em Fortaleza. Investigo de que modo as complexas relações sociais são estabelecidas nas ruas, dando ênfase às atividades lúdicas praticadas por meninos nesse contexto.

A literatura existente sobre crianças em situação de rua na tradição sociológica e antropológica apresenta uma ampla variabilidade temática (ALVIM & VALLADARES, 1988). Entretanto, as

atividades lúdicas desses sujeitos quase nunca foram analisadas em profundidade. Muitas vezes, estas atividades foram consideradas frívolas e sem importância para o olhar da maioria dos pesquisadores. Ao enfocarmos as análises da pesquisa em suas brincadeiras e jogos, estamos tentando mostrar uma parte importante da vida cotidiana desses meninos.

Importantes trabalhos nesta área surgiram nos últimos anos. Destaco a pesquisa de Silva (2000) sobre crianças trabalhadoras na Zona da Mata canavieira pernambucana. Sua tese investiga o trabalho infantil conjugado com aquilo que denomina de "corpo brincante". Os resultados confirmam que, apesar da imensa carga destrutiva de trabalho alienado a que essas crianças estão submetidas, seus jogos, brincadeiras e outras formas de externarem sua cultura lúdica não deixam de estar presentes: "*doces-jogos* e brincadeiras das crianças resistem às intempéries e iniquidades capitalistas no meio rural, porém, são construídos no *mundo amargo da cana-de-açúcar*". (p. ix, grifos de autor).

* Agradeço as contribuições de Glairton Ferreira de Paula nas traduções diretas e indiretas dos textos em língua inglesa lidos e traduzidos neste artigo.

E nas cidades, nas grandes metrópoles, será possível existir brincadeira no mundo fervente e sufocante do asfalto e da fumaça? Se existir, de que brincam essas crianças? Com o quê brincam estes meninos? Esses jogos são importantes para eles? Existem jogos específicos? Como eles são aprendidos e repassados para os outros? Essas foram algumas das questões que eu tinha em mente sempre que estava em campo conversando com alguns meninos.

Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada, entre agosto de 2006 e abril de 2007 em uma praça de Fortaleza, pretendemos discutir e analisar as práticas lúdicas vivenciadas no cotidiano de meninos que, à primeira vista, estão "trabalhando" ou perambulando nas ruas, praças e avenidas de Fortaleza.

Na primeira seção do artigo faço uma pequena análise teórica sobre como a criança foi pensada nos textos etnográficos; na segunda seção analiso a questão da ludicidade dentro da tradição antropológica, para finalmente concluir descrevendo as principais brincadeiras de rua praticadas pelos meninos durante o tempo em que compartilhei com eles experiências cotidianas.

1. A criança em contexto: a nova antropologia da criança

Antropólogos em geral têm se dedicado muito pouco a entender as crianças, estejam elas em qualquer sociedade ou cultura. Alguns trabalhos antropológicos com crianças datam do século XIX, o que demonstra que este campo de pesquisa não é nenhuma novidade (BENTHALL, 1992). No entanto, estudos enfocando as crianças como principais sujeitos pesquisados ainda são muito incipientes, especialmente no Brasil. Em virtude disso, discorrerei brevemente sobre a peculiar "fala do infante" na pesquisa antropológica, analisando os caminhos e os encaixos por mim atravessados nesta pesquisa.

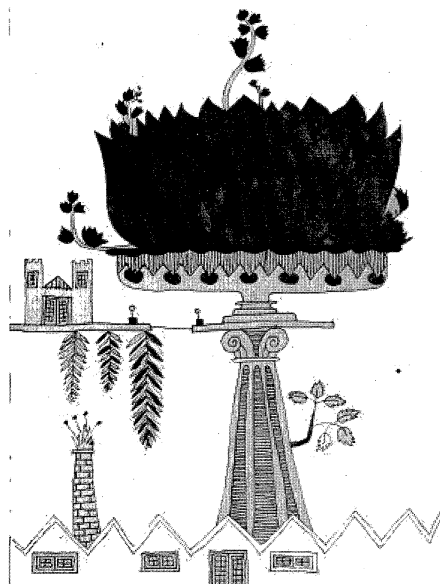
A antropologia tem sido facilmente acusada de negligenciar a criança no contexto da pesqui-

sa. De fato, a criança tem sido alvo de poucas reflexões por parte dos antropólogos. Discutir as razões teóricas e empíricas que "justificam" esse menosprezo por parte dos antropólogos pelo universo das crianças é um passo importante para reverter esta concepção.

O antropólogo americano Lawrence Hirschfeld (2002) escreveu um artigo intitulado "*Why don't anthropologists like children*"¹, no qual o autor discute o menosprezo dos antropólogos por questões relacionadas à infância. O título já indica a direção que a argumentação segue: as crianças fazem parte de um grupo social esquecido pelos antropólogos. Por que os antropólogos não "gostam" das crianças? Ainda hoje é pertinente fazer esta pergunta? Quais as consequências desta discriminação para a antropologia como ciência e como produtora e reprodutora das desigualdades sociais? Sobre a resistência dos pesquisadores a direcionar suas reflexões às crianças, o autor postula que isso é subproduto de uma visão empobrecedora que enxerga a aprendizagem superestimando as regras dos adultos e subestimando as contribuições que as crianças dão para a reprodução cultural.

Felizmente, muita coisa mudou. Uma das importantes mudanças paradigmáticas sobre a forma como os antropólogos enxergam a criança surgiu a partir da década de 60 quando estes estudiosos começaram a perceber a importância de dar um pouco mais de atenção à infância partindo do seu próprio ponto de vista e de seus sistemas simbólicos (COHN, 2005). Partindo da recusa em enxergar as crianças apenas como "adultos em miniatura", ou "seres em formação", estes trabalhos conceberam a criança como o "miolo central" de toda discussão, tentando entendê-las partindo de seus próprios referenciais².

As reflexões teóricas de Toren (1993) sobre o desafio antropológico de pesquisar a criança em seu contexto são bastante esclarecedoras. A autora não aceita taxarmos idéias infantis como imaturas, argumentando que as crianças têm capacidade de compreender o mundo a sua volta:



¹ Em uma tradução literal "Por que os antropólogos não gostam das crianças?"

² Importantes etnografias surgiram sobre a criança em situação de rua. Destaco a pesquisa de Gregori (2000) sobre um fenômeno muito comum nas ruas chamado de viração, que consiste na estratégia de aquisição de bens, materiais e simbólicos, que a criança apreende em suas relações cotidianas para tentar sobreviver e se relacionar com seus pares e com a sociedade em geral. Para essa autora, as crianças em situação de rua percebem as representações que são feitas sobre elas e manipulam estas imagens cotidianamente, dependendo da situação.

"As crianças têm que viver suas vidas dentro de seu âmbito de compreensão, exatamente como os adultos o fazem; suas idéias são alicerçadas nas suas experiências e, logo, igualmente relevantes." (TOREN, 1993, p. 463, tradução minha)

José de Sousa Martins (1993) foi um dos primeiros cientistas sociais brasileiros a questionar a ausência da fala das crianças nas pesquisas sociais. Este autor acredita que as crianças podem "falar com clareza" sobre as situações a que estão submetidas e que esses sujeitos dão significativa demonstração de compreensão da situação que estão vivendo.

De fato, o silêncio das crianças nas pesquisas antropológicas³ não se refere à incompetência delas por compreenderem suas culturas ou entenderem a situação em que vivem. Isso ocorre, na verdade, pela não opção dos pesquisadores em considerarem a fala do infante como uma opção no cenário da pesquisa. A prática etnográfica tradicional, sugerida por Malinowski, demonstra que é preciso selecionar bem nossos informantes: aquelas pessoas que tenham uma ampla visão de sua cultura, que dominem as tradições locais, que tenham poder e prestígio social. Isso resultou em um absurdo silenciamento de muitas pessoas: as mulheres, as crianças e os desprestigiados socialmente foram os mais afetados.

Críticas ao "adultocentrismo", à forma periférica como as crianças aparecem nas etnografias clássicas e ao "vazio etnográfico" e teórico de suas falas são denunciados também por Rodrigues (1999). Sua pesquisa com crianças que frequentam um centro comunitário no bairro da periferia do Maranhão contraria as etnografias clássicas na medida em que enxerga as crianças como seres críticos e construtores de seu mundo e de suas identidades. Para esta autora, a grande importância de trazer as crianças para dentro da antropologia e dos textos etnográficos é a "nova luz" que esta disciplina pode lançar sobre elas, além de lhes assegurar um importante espaço narrativo. Esse silêncio etnográfico precisa ser quebrado, por isso o novo olhar dos antropólogos sobre o universo da criança pode nos mostrar algo que foi silenciado.

Sobre a fala do infante em culturas não ocidentais, ressalto a pesquisa de Clarice Cohn (2000) sobre as crianças indígenas Xikrin, habitantes do sudoeste do Pará. Esse trabalho efetuou de maneira bastante coesa as bases teóricas desta nova "antropologia da criança", e sustenta veementemente a importância de não enxergarmos as crianças como imaturas. De acordo com a autora, o desenvolvimento infantil sofre influências tanto dos adultos como das outras crianças. Ambos atuam de forma ativa neste processo, embora de maneira bastante assimétrica.

Todos estes autores reivindicaram de alguma forma a "fala do infante" na pesquisa antropológica. De fato, esse vazio teórico e etnográfico sofrido pelas crianças no contexto da pesquisa está próximo de um fim. Os estudiosos estão prestando cada vez mais atenção ao cotidiano dos peque-

nos e considerando de maneira precisa suas falas ainda subalternas (HARDMAN, 2001).

2. Etnografando brincadeiras infantis

A literatura antropológica sobre as atividades lúdicas de crianças é extremamente rara e escassa. Goldman e Emmison (1995) acreditam que muitos antropólogos incorporaram a visão de que "verdadeiros" antropólogos não estudam brincadeiras infantis. Helen Schwartzman (1976) postula que isto acontece em razão da visão "adultocêntrica" dos antropólogos, que consideravam as brincadeiras infantis atividades frívolas e efêmeras⁴. Em virtude disso, as etnografias existentes sobre o assunto acabaram não contribuindo para a formação de uma teoria consistente sobre esta temática.

Em seu texto clássico sobre o método e o objetivo da pesquisa etnográfica, Malinowski (1978) considera uma classe de fenômenos supostamente banais para o olhar superficial, mas que para o etnógrafo são de extrema importância. Estes fenômenos foram por ele denominados de "imponderáveis da vida real" (p. 29). Estes "imponderáveis" são situações cotidianas que, registrados e formulados cientificamente, eram de suma importância para o etnógrafo alcançar a "atitude mental" dos nativos. Schwartzman (1976) acredita que essa tendência de registrar tais imponderáveis acabou por concentrar as descrições antropológicas nos eventos "espetaculares" e extremamente ritualizados do cotidiano nativo. Os jogos e as brincadeiras eram vistos como atividades triviais aos olhos dos pesquisadores que procuravam as excentricidades, as alteridades radicais. Por que dar atenção às brincadeiras infantis se temos o *Kula* trobriandês? Não estou criticando estes trabalhos, estou apenas tentando demonstrar uma tendência na antropologia de "espetacularização dos eventos cotidianos" (SCHWARTZMAN, 1976, p. 293).

De acordo com Schwartzman (*ibid*) a metáfora mais comum nos estudos antropológicos sobre as brincadeiras das crianças era enxergá-la como uma preparação para a vida adulta. O caráter funcional da brincadeira era interpretado como um importante passo para a socialização/enculturação da criança.

Titiev (2004) nota, sobre as crianças que brincam, que elas "gostam de imitar os seres mais velhos, e muitos dos jogos das crianças servem para treiná-los para tarefas de adultos" (p. 344). No Brasil, um artigo que se enquadra dentro desta categoria é a pesquisa de Carvalho (1990) sobre meninos que jogam bolinhas em Ipanema (região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais). Carvalho tenta mostrar como os "padrões de masculinidade da cultura local" (p. 216); exigido para o homem adulto em Ipanema, estão em perfeita concordância com as regras do jogo da infância. O autor tenta se desviar das críticas afirmando que não pretende integrar-se perfeitamente às visões funcionalistas. Acredito, contudo, que apesar das profundas reflexões e dos importan-

³ Para uma visão mais aprofundada sobre esse "silêncio" e suas consequências para a antropologia ver: CARVALHO (1999) e CAPUTO (1995).

⁴ Em 1974 foi organizado um grupo de pesquisa em uma universidade da Califórnia (The Association for the Anthropological Study of Play - TAASP) que pretendia estudar os jogos, as brincadeiras e as atividades de lazer em diversas culturas. No entanto, o foco de análise era, na maioria dos casos, as atividades lúdicas dos adultos. As brincadeiras infantis quase não eram problematizadas.

tes questionamentos que o texto levanta, ele termina enquadrando as crianças em um sistema fechado, no qual resta às crianças se conformarem com os papéis já dados em uma totalidade social pronta a ser reproduzida indefinidamente. Metáforas como "homens em formação" (p. 218) e "à imagem e semelhança dos adultos" (p. 213) são freqüentes no texto. O problema desta visão é que em nenhum momento o autor questiona o valor simbólico ou a representação que a criança faz sobre o jogo, chegando à estranha conclusão de que o jogo do infante, diferentemente do jogo do adulto, é bem menos reflexivo e autônomo.

Entretanto, alguns antropólogos descreveram de maneira bastante concisa as atividades lúdicas de crianças em vários contextos. A pesquisa de Pessoa (1992) sobre as brincadeiras de crianças trabalhadoras na periferia de Teresina demonstra uma enorme maturidade teórica ao deslocar a análise do lúdico das perspectivas folcloristas, funcionalistas e economicistas. Contudo, essas tendências acabaram enxergando as brincadeiras como se essas fossem dotadas de um sentido em si mesmas, caracterizando a ludicidade como uma atividade apenas funcional na estrutura social e econômica (PESSOA, 1992). A proposta de análise de Pessoa, da qual compartilho neste artigo, é de que as brincadeiras podem ser estudadas e analisadas como um sistema de comunicação englobado em uma rede de significados, envolvendo práticas multidimensionais e diversas variáveis ao mesmo tempo. Em outras palavras, enfocaremos o valor simbólico das brincadeiras infantis através das multiplicidades conceituais complexas dos fenômenos culturais como conceitos semióticos (GEERTZ, 1989).

3. Entre brincadeiras e trocados: o ser brincante de meninos em situação de rua

Muitos pesquisadores não enxergaram o fenômeno da ludicidade entre crianças em situação de rua. Lemos e Giugliani (2002) notaram que: "O fato de ter deixado de brincar nesta etapa causa uma lacuna que só será percebida quando este vazio for preenchido pela droga, pela rigidez afetiva, pela passividade, pelo não envolvimento em projeto algum" (p. 26, grifo nosso).

Entretanto, alguns autores escreveram especificamente sobre o "ser brincante" das crianças que vivem e/ou trabalham nas ruas das grandes cidades (ALVES, 1998; SANTOS & KOLLER, 2003; SANTOS, 2004). Especificando a importância da brincadeira para o desenvolvimento cognitivo, estes autores chegaram a conclusão de que a brincadeira pode ser vista como uma forma das crianças se distanciarem da violência imediata que as cerca. Isso só foi possível ao considerarem a rua como um fator impulsor do desenvolvimento e não somente como um ambiente hostil. Santos postula que

"[...] brincando na rua, as crianças passam grande parte do tempo longe dos adultos/ cuidadores e exposta às mais diversas si-

tuações de risco, como a violência física e emocional. Porém, as crianças criam mecanismos próprios de proteção contra essas adversidades e, assim, continuam brincando. Andam em grupos conhecidos e coesos e sempre mantêm a atenção no que está acontecendo à sua volta. O seu próprio corpo e os objetos deste espaço são seus brinquedos mais freqüentes, apesar de não serem os preferidos. As crianças brincam com qualquer objeto, sejam sucatas, lixo, etc." (2004, p. 8).

Korbin (2003) analisa que muitas crianças podem deixar de ser vistas como tais dependendo do tipo de violência que cometam. Algumas crianças em situação de rua vivem de pequenos furtos, consomem drogas regularmente, insultam transeuntes, ou seja, fazem coisas que crianças regularmente não fazem. Mas isso não determina que práticas violentas sejam as únicas atividades presentes em seus cotidianos. Dentro desta concepção, Silva e Milito (1995) argumentam que "a delinqüência que [as crianças] praticam dissolvem a condição infanto-juvenil" (p. 25). Portanto, estes agentes podem ser notados apenas quando praticam atos considerados violentos. Isso explicaria o fato de suas brincadeiras ser atividades invisíveis para grande parte da população.

No meu trabalho de campo, tinha a intenção de estudar as práticas lúdicas desenvolvidas no contexto da rua por crianças em situação de rua.⁵ O local da pesquisa foi desenvolvido em uma praça na zona urbana de Fortaleza no bairro da Parangaba. Essa praça é popularmente conhecida como Praça da Lagoa por contornar toda a extensão da Lagoa da Parangaba. Os contatos com os meninos foram feitos próximo ao Terminal da Lagoa⁶. A praça da Lagoa da Parangaba é considerado um local crítico pelas instituições que trabalham com atendimento a crianças em situação de rua. A praça é vista como um local propício para a permanência dos jovens nas ruas por causa das muitas vias de acesso que ela engloba. O cruzamento da avenida José Bastos com a avenida Senador Fernandes Távora é considerado um dos locais preferidos pelos meninos para a mendicância, o trabalho infantil e uso de psicoativos. Um dos educadores de rua de um projeto do governo do Estado do Ceará afirmava que a própria lagoa facilitava a estabilidade destas crianças nesta praça, já que ela funcionava como um esconderijo.

O trabalho de campo desta pesquisa durou seis meses e foi realizado entre os meses de agosto e dezembro de 2006. Nas duas primeiras semanas não fiz contato direto com os meninos. Nesse meio-termo, coletei informações sobre eles com educadores sociais de distintos projetos governamentais, com seguranças do terminal de ônibus e com a população em geral. Não tive muita dificuldade em participar das atividades cotidianas praticadas na rua porque sempre dizia que era um amigo de um dos educadores sociais considerado pelos meninos, em seus termos, uma "autarquia"⁷. Esse educador conhecia bem a realidade dos meninos e todos o procuravam quando estavam com problemas.

⁵ Optei por esta categoria mas ressalto que não existe um consenso nas ciências sociais sobre a terminologia mais adequada para se referir a crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas. Na esfera política e no campo da luta de direitos, o termo "em situação de rua" é considerado o mais adequado. As imprecisões estatísticas e o vazio analítico de algumas categorias (criança carente, criança abandonada, menor, menino(a) de rua, etc.) são, de certo ponto, responsáveis por esta polêmica.

⁶ Os terminais de ônibus em Fortaleza são locais onde os passageiros que trafegam pela zona urbana podem trocar de condução sem precisar pagar outra passagem. Existem sete terminais em toda Fortaleza. De acordo com dados da pesquisa elaborada pela Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua, 26,1% das crianças e jovens em situação de moradia de rua passam grande parte do tempo próximos aos terminais de ônibus. Apenas dois destes sete terminais (Terminal da Lagoa e Terminal do Siqueira) congregam nada menos que 25% de todas as crianças e jovens em situação de rua de Fortaleza.

⁷ Nas linguagens das ruas ser considerado uma "autarquia" é ser aceito. Uma "autarquia" é uma pessoa confiável, respeitosa e amiga. Também podemos pensar que a categoria "autarquia" simboliza uma relação de "paternidade" que estes meninos estabelecem com os educadores de rua. Apesar deste conceito ser pertinente a vários campos, ele sempre acaba lidando com a idéia geral de algo que exerce poder sobre outro.

Na época da pesquisa, existiam cerca de vinte meninos que freqüentavam essa praça pelos menos uma vez por semana. Um dos educadores sociais me apresentava aos meninos e sempre respondia que estava ali para fazer uma pesquisa sobre as brincadeiras que eram realizadas nas ruas.

Um dia resolvi sentar com eles no meio da praça. O local era sujo, com um cheiro quase insuportável de urina. Neste instante perguntei quais eram as brincadeiras e os jogos que eram praticadas na praça. Eles me responderam que costumavam brincar de bola (futebol), carreira, briga, "castanha", pipa, "virinha". Analisarei brevemente cada uma destas brincadeiras

O jogo de bola

Percebi que os meninos pequenos adoraram a proposta da pesquisa. Uma das crianças, 12 anos e usuário de crack, puxou-me pelas mãos e mostrou onde guardavam a bola que usavam para as peladas. O local era uma árvore com o caule retorcido, com um grande buraco no meio. A bola era relativamente nova, eles tinham ganhado de presente de um "amarelinho" (educador de rua do projeto do Governo do Estado "Criança fora da rua dentro da escola", conhecido desta forma por usarem uma bata de cor amarela).

As brincadeiras de bola são as mais comuns entre os meninos que não usam drogas e são facilmente interrompidas. O jogo é praticado de forma espontânea, sem apostas e sem grandes expectativas. Como a praça dispõe de um grande espaço físico, as brincadeiras de bola acontecem geralmente às margens da lagoa, sem incomodar ninguém. As divisões sociais entre os meninos não se refletem nas divisões dos times. O grau de competitividade neste jogo é muito pequeno. Nas minhas observações em campo, percebi que é muito comum ver meninos brincando de bola sozinhos. Certamente, este tipo de brincadeira não é a mais popular entre os meninos que pesquisei.

As brincadeiras de briga

As brincadeiras "de carreira" e os jogos de briga são os mais praticados entre os meninos. São jogos que tentam mostrar quem é o mais forte, quem corre mais rápido, quem tem mais habilidade física. Este é um dos grandes problemas enfrentados pelos educadores sociais, visto que eles tinham que estar o tempo todo apartando brigas. Estas brincadeiras acontecem de forma espontânea e, diferentemente do futebol, envolvem um alto grau de competitividade. Elas geralmente começam com um insulto que pode ser direcionado ao próprio menino ou à sua família.

Rodrigues (1999) em sua pesquisa com crianças que brincam em um centro comunitário no Maranhão demonstrou a importância dos apelidos. Ganhar um apelido é ser socialmente aceito, assim como lembrá-los é reviver momentos. Como os apelidos entre os meninos em situação de rua são, geralmente, representações do ridículo, quem os lembra está sujeito a uma repre-

sália. Deste modo, é comum ver os meninos "brigarem" após lembrarem momentos e situações jocosas do cotidiano. Mas, o que vale ressaltar é que o ato de apelidar já os predispõe a uma representação simbólica e lúdica de suas vidas.

O fato destas brincadeiras de insulto acabarem em briga não nos autoriza a dizer que são brincadeiras violentas. A forte carga simbólica que envolve o ato de apelidar é uma das características marcantes das brincadeiras de briga. Portanto, percebi em minhas observações empíricas, que estas brincadeiras precisam ser relativizadas e entendidas em contexto. O olhar superficial muitas vezes não consegue ver além do imediato e caracteriza as brigas como atos selvagens de mirins de rua. O pesquisador desatento pode não compreender a brincadeira, descontextualizá-la e não dar conta da teia de significados tecida por esses meninos. O que tento caracterizar, por meio da busca pela compreensão de significados subjacentes, é como diferenciar uma briga de uma brincadeira de briga.

Estas brincadeiras, na realidade, servem como um importante mecanismo de interação entre os meninos. Para entrar em uma brincadeira "de briga" ou em uma brincadeira "de carreira" é preciso muita intimidade. Isso porque se chegar a acontecer uma escoriação ou uma contusão será bem mais fácil esquecer e perdoar quando já existe um histórico de relação.

Brincando de "castanha"

Outra brincadeira muito comum entre os meninos em situação de rua é a "castanha". Esta brincadeira consiste em falar a palavra "castanha" toda vez que você for sentar ou levantar de algum lugar. Não pronunciar a palavra "castanha" para o outro integrante da brincadeira ao levantar-se ou sentar-se autoriza o outro a lhe dar um safanão com os dedos na nuca ou nos braços.

É comum ver meninos chorando ou reclamando de injustiças nesta brincadeira. Alguns questionam a intensidade do castigo – é bem verdade que quanto mais forte for a pancada, mais respeitado é o jogador –, outros questionam a veracidade do castigo – já que uma das premissas da brincadeira é apanhar o transgressor da regra de surpresa, impossibilitando um acordo tácito entre o infrator e quem o pune –, pois muitas vezes não há possibilidade de questionar aquele (ou aqueles) que aplicam as regras injustamente punindo erroneamente participantes. Por esta razão, muitas vezes a brincadeira de castanha pode acabar em brigas sérias entre os meninos.

Ressalto que esta brincadeira não é exclusividade dos meninos em situação de rua. Lembrome de minha infância em uma escola privada de Fortaleza e de como essa brincadeira era extremamente difundida. As regras eram as mesmas, pronunciar "castanha" toda vez que você se sentar ou se levantar da cadeira. Como muitos meninos em situação de rua freqüentam a escola regularmente, a brincadeira de "castanha" acaba sendo reelaborada para o contexto da rua. Como

não pude acompanhar os meninos em outras instâncias além da praça, não tenho como afirmar se esta brincadeira é praticada em outros ambientes. Um dos adolescentes, freqüentador da praça, disse que aprendeu a jogar "castanha" com os amigos da vizinhança. Isso demonstra que mesmo os meninos em situação de rua que não freqüentam a escola acabam tendo contato com os outros que freqüentam. Nascem assim oportunidades de trocas de experiências.

A brincadeira de "castanha" tem início, mas não tem um fim previsto. Ela deixa os meninos sempre em estado de alerta. Como uma tentativa de interpretação, acredito que o objetivo final desta brincadeira quase sem fim não é o safanão no infrator das regras, afinal é comum que os meninos menores e os meninos sob efeito de psicoativos, por exemplo, sejam perdoados e se livrem da punição que o jogo impõe. Acredito que o principal objetivo desta brincadeira é a regulamentação da violência. Ninguém é obrigado a participar da brincadeira. Mas ao participar fica implícito que você aceita tacitamente a única regra desse jogo. Revidar um safanão levado dentro das regras de sociabilidade das ruas é extremamente transgressor e pode levar a sérias discussões.

O jogo de "virinha"

Descreverei agora uma intrigante brincadeira praticada entre os meninos em situação de rua: a brincadeira de "virinha". Considero este jogo um dos mais intrigantes dentre aqueles praticados no contexto da rua. Este jogo foi apresentado a mim por dois meninos freqüentadores da praça. Já tinha ouvido falar do jogo, pois já tinha visto meninos brincando nas calçadas de um shopping center em uma movimentada avenida da cidade. Os meninos me pediram uma moeda de 25 centavos para explicar o jogo, entreguei e eles começaram a me explicar como funciona. Infelizmente não pude gravar suas falas, portanto as descrições foram baseadas nas anotações do diário de campo.

O jogo de "virinha" é praticado apenas com moedas. Para se jogar é necessário ter em mãos no mínimo uma moeda de qualquer valor. Cada jogador coloca no chão suas respectivas moedas que correspondem ao seu ingresso no jogo. O objetivo central é virar todas as moedas que estão no chão. Para isso é necessária uma outra moeda, geralmente é escolhida a de 25 centavos por causa de sua estrutura que facilita o ato de virar as outras, por ser maior e mais pesada. Comumente o jogo é praticado em dupla, mas já presenciei meninos jogando sozinhos ou situações em que quatro meninos jogavam. As moedas não são colocadas no chão de maneira aleatória, elas são arranjadas em pares, uma sobrepondo-se parcialmente à outra, não importando qual lado fica para cima (a cara ou a coroa), desde que todas mostrem a mesma face. A moeda de 25 centavos é atirada contra as moedas de 10 centavos com o objetivo de virá-las. Ganha o jogo quem conseguir virar todas de uma só vez ou quem virar a última moeda. Se o(s) primeiro(s) jogador(es) for(em)

bastante habilidoso(s) e conseguir(em) virar todas as moedas antes, pode vir a ser que o próximo jogador nem chegue a participar do jogo. Vale ressaltar que neste jogo só existe um vencedor, que é aquele que consegue virar todas as moedas de uma só vez ou quem consegue virar a última.

Darei um exemplo para tentar ser um pouco mais claro. Vamos supor que dois jogadores estejam disputando uma partida. Cada um começa colocando sua moeda de 10 centavos – também poderá ser outro valor – no chão (arranjadas em pares com uma parcialmente sobreposta à outra). Se o primeiro jogador virar uma moeda, ele passa a vez para o outro jogador. Já se o segundo jogador virar a outra moeda ele "arrasta" (termo utilizado pelos meninos) as duas para si e ganha a partida. Se o segundo jogador não conseguir virar ele retorna a vez para o primeiro jogador, até que alguém consiga virar a última moeda.

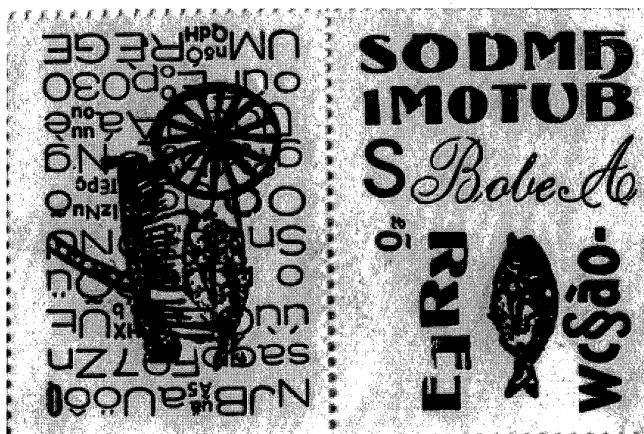
Para os jogadores, não há distinção entre quem é o dono de qual moeda. Quando são colocadas em jogo, as moedas ganham uma certa neutralidade, já que uma regra básica é colocar sempre moedas do mesmo valor para virá-las. O mais comum é que sejam colocadas moedas de 10 centavos para serem viradas – acredito que seja por causa de seu tamanho e de sua estrutura que facilita o ato de virá-las –, mas já presenciei partidas com moedas de 5, 25 e 50 centavos.

A ordem de participação é decidida através do "cara ou coroa" ou através do "pedra, tesoura, papel". O vencedor "arrasta" todas as moedas para si, exceto a de 25 centavos, que vai para seu dono original.

A "virinha" é praticada nas ruas, calçadas, meio-fios e praças. As moedas são conseguidas através da mendicância nos sinais, da venda de balas (doces), do trabalho "de rodo" (limpeza de pára-brisas de carros em sinais), do trabalho de malabares ou dos pequenos furtos, o que reforça o simbolismo do jogo que faz uso do ganha-pão desses meninos acumulando características semelhantes aos jogos de azar e apostas.

Nunca presenciei a "virinha" sendo jogada sem ser apostado. Talvez porque o jogo ajuda na transferência de moedas entre os meninos. Aquele que não foi muito bem no trabalho ou na mendicância pode ganhar umas moedas extras no jogo. Entretanto, isso não significa dizer que o ganho é mais importante que o jogo em si. Existem coisas que estão sendo apostadas que perpassam a troca material, por exemplo, o orgulho de ser melhor jogador, a masculinidade e a coragem de se arriscar e perder muitas de suas moedas. White, (*apud* GEERTZ, 1989) sobre a importância do jogo de meninos nas esquinas, escreve que,

"qualquer que seja o jogo que os garotos da esquina joguem, eles sempre apostam no resultado. Quando nada há para apostar, o jogo não é considerado uma disputa verdadeira. Isso não significa que o elemento financeiro seja o mais importante. Tenho ouvido, freqüentemente, homens dizer que o prazer de ganhar é muito mais importan-



te que o dinheiro em jogo. Os garotos da esquina consideram jogar a dinheiro uma prova real de habilidade, e, a não ser que um homem se dê bem quando o dinheiro está em jogo, ele não é considerado um bom competidor.” (ibid, p. 301).

Geertz (1989), em sua análise sobre a briga de galos, demonstra que o dinheiro para o balinês é menos uma medida de utilidade do que um símbolo de importância moral. O dinheiro para os meninos em situação de rua – apesar de ser simbolicamente reinterpretado – não pode ser pensado unicamente como uma medida sócio-moral de elevação social. Nas ruas, alguns meninos tentam bater metas que consistem em ir para casa após conseguir juntar entre dez e quinze reais. Portanto, perder moedas no jogo pode ser extremamente frustrante. Isso não diminui a importância do jogo, ao contrário, aumenta a possibilidade de pensarmos a “virinha” como um “jogo absorvente”, utilizando mais uma vez a expressão de Geertz (1989). Como pontuou Huizinga (2004): “Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador” (p. 11). Não é pelo fato deste jogo envolver pequenas quantidades de dinheiro que não podemos utilizar o conceito de “jogo profundo”. Na “virinha” não existem jogos frívolos, portanto, todos os embates são sociologicamente relevantes.

Outro ponto interessante sobre o jogo de “virinha” é a reapropriação simbólica que esses meninos fazem do dinheiro. O dinheiro neste jogo precisa ser visto de uma maneira não-funcional, visto que o dinheiro como sendo um instrumento da brincadeira seria quase que uma subversão, uma utilização não prescrita para tal objeto. Kátia Lund, em seu curta-metragem ficcional intitulado “Bilú e João”, ilustra uma brincadeira parecida em uma grande metrópole brasileira. Bilú e João são duas crianças catadoras de materiais recicláveis que em seu tempo livre fazem uma caixa de madeira cheia de pregos para jogar uma adaptação do “totó”⁸ (futebol de mesa), sendo a moeda o substituto da bola.

O ato de brincar com o fruto de seu “trabalho” – a mendicância, que, ao contrário do que pensa o senso comum, é uma atividade extremamente cansativa e desgastante – nos mostra que a dura realidade da vida nas ruas não suprime uma das principais características do ser criança na nos-

sa sociedade: a necessidade de brincar, de fantasiar, do lúdico. Como afirmou Nunes (2002):

“Os resultados têm indicado que o caráter lúdico com que a criança sempre age nas mais variadas circunstâncias pode ser considerado como uma espécie de denominador comum às crianças de todas as sociedades, manifestando sua universalidade por meio de infinitas particularidades, realizando e concretizando sua essência na singularidade sócio-cultural de cada um dos povos.” (p. 69).

Considerações Finais

Clifford Geertz (1989) pontuou que ao descrever a briga de galos balinesa, tinha a intenção de tornar compreensível, aos olhos do etnógrafo, uma parte das experiências cotidianas da sociedade que estudava. Para este autor, a briga de galos nada mais é do que um dos vários “textos culturais” que podiam fornecer pistas sobre a cultura nativa.

A “virinha”, assim como outros jogos praticados nas ruas, deveriam ser no mínimo “inquietantes”. O grande desafio é tentar entender a subjetividade alheia partindo de experiências variadas da vida cotidiana. Acredito que as atividades lúdicas são afirmativas culturais eloquentes e devem, também, ser pensadas e analisadas sociologicamente.

Sustentar que crianças em situação de rua não brincam, ou que perdem sua infância, ou ainda que estão a um passo da degradação humana, é, para dizer o mínimo, deixar de ver um mundo de significados e atitudes em jogo. Mesmo a título de denúncia, as assertivas acima parecem pouco válidas. É comum pesquisadores não enxergarem as brincadeiras e os jogos dessas crianças, afirmando erroneamente que crianças em situação de rua não brincam. Compreendemos que ao reconhecer na criança em situação de rua o “ser brincante” estamos dando um importante passo para uma melhor compreensão de suas vidas.

Submetido em Agosto de 2007
Aprovado em Novembro de 2007

⁸ O totó, ou pebolim, é um jogo inspirado no futebol, que consiste em manipular bonecos presos a manetes, possibilitando jogar futebol numa mesa. No curta-metragem ficcional mencionado os bonecos são representados pelos pregos e o objetivo é que a moeda (bola), movida pelos dedos, desvie dos pregos até chegar ao gol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Paola Biasoli. (1998). *O brinquedo e as atividades cotidianas de crianças em situação de rua*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, Curso de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento.
- ALVIM, Maria Rosilene Barbosa; VALLADARES, Lícia de Prado. (1988). "Infância e sociedade no Brasil: uma análise de literatura". *Boletim Informativo e Bibliográfico*, 26, 3-37.
- BENTHALL, Jonathan. (1992). "A late developer? The ethnography of children". *Anthropology Today*, 8,2:1.
- CAPUTO, Virginia. (1995). Anthropology's silent "others": a consideration of some conceptual and methodological issues for the study of youth and children's cultures. in: AMIT-TALAI, V.; WULFF, H. (org.). *Youth cultures: a cross-cultural perspective*. London, Routledge.
- CARVALHO, José Jorge de. (1990). "O jogo das bolinhas de vidro: uma simbólica da masculinidade". in: *Anuário Antropológico 87*. Brasília, UnB/Tempo Brasileiro.
- _____. (2002). "Poder e silenciamento na representação na etnográfica". *Série Antropologia*, 316, 1-21.
- COHN, Clarice. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Coleção passo-a-passo).
- _____. (2000). "Crescendo como um Xikrim: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrim do Bacajá". *Revista de Antropologia*, 43, 2:195-222.
- GEERTZ, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Editora LTC.
- GOLDMAN, Laurence; EMMISON, Michael. (1995). "Make-believe play among Huli children: Performance, myth, and imagination". *Ethnology*, 34, 4: 225-255.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GREGORI, Maria Filomena. (2000). *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HARDMAN, Charlotte. (2001) "Can there be an anthropology of children?". *Childhood*, 8, 4: 501-517 (Originalmente publicado em 1973).
- HIRSCHFELD, Lawrence A. (2002). "Why don't anthropologist like children?". *American Anthropologist*, 104, 2: 611-627.
- HUIZINGA, Johan. (2004). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5 ed, São Paulo, Ed. Perspectiva
- KORBIN, Jill E. (2003). "Children, childhoods, and violence". *Annual Review of Anthropology*, 32, 431-446.
- LEMOS, Mirian Pereira; GIUGLIANI, Sílvia. (2002). "Educação social de rua". in: Paica-Rua (org). *Meninos e meninas em situação de rua: Políticas integradas para a garantia de direitos*. São Paulo, Cortez, Brasília, Unicef. (Série fazer valer seus direitos, v. 2)
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural.
- MARTINS, José de Souza (coord) (1993). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2. ed, São Paulo, Hucitec.
- NUNES, Angela. (2002). "No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavente". in: SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (org). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*, São Paulo, Editora Global. (Coleção antropologia e educação)
- PESSOA, Maria Lúcia de Medeiros Noronha. (1992). *A criança, a brincadeira e a vida: um estudo antropológico da prática lúdica de meninas e meninos trabalhadores do Bairro São Joaquim na periferia de Teresina-Pi*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, Departamento de Antropologia.
- RODRIGUES, Lélia Lofego. (1999). *A fala do infante: um estudo antropológico com a criança periférica*. Tese de doutorado, UnB, Brasília, Departamento de Antropologia.
- SANTOS, Elder Cerqueira; KOLLER, Sílvia Helena. (2003). "Brincando na rua". in: CARVALHO, Ana Maria A (et al). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*, São Paulo, Casa do Psicólogo. (Vol. 1)
- SANTOS, Elder Cerqueira. (2004). *Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, Curso de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento.
- SCHWARTZMAN, Helen. (1976). "The anthropological study of children's play". *Annual Review of Anthropology*, 5, 289-328.
- SILVA, Maurício Roberto da. (2000). *O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar: Onde está o lazer/lúdico? O gato co-meu?*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, Faculdade de Educação.
- SILVA, Hélio R. S; MILITO, Cláudia. (1995). *Vozes do meio-fio: Etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objeto nas ruas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- TITIEV, Mischa. (2004). *Introdução à Antropologia Cultural*. Trad. João Pereira Neto. 9 ed, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- TOREN, Christina. (1993). "Making History: the significance of childhood cognition for a comparative anthropology of mind". *Man*, 28, 461-478.

FILMOGRAFIA

CRIANÇAS INVISÍVEIS (All the Invisible Children). Itália: Paris Filmes, 2005. 1 DVD (119 min.):DVD, son., color.

Aluno do 6º período de Ciências Sociais pela UECE, bolsista PIBIC/CNPq, Pesquisador do Laboratório de Estudos da Conflitualidade e da Violência/COVIO do Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano/GPDU, da Universidade Estadual do Ceará/UECE. E-mail: danielvalentim@gmail.com.